

COMO SE FOSSE

Livro 77

Escritos do eu e tu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



UMA TROCA

Te proponho uma troca do teu deserto pelo meu coração, partirei o gelo, inventarei as fontes, farei águas abundantes, cânforas guardando versos e vinhos, colherei chuvas de figos, despertarei as estrelas, adormecerei o sol, acordarei generosas marés e soprarei ventos a favor.



SOMBRAS CANSADAS

Tenho sombras cansadas de tanto ficar ausente, desbotado. Cheguei quase no fim, confesso à solidão companheira que não sei mais brincar, não mais vou porque não saberei voltar se ali me desencontrar dessa nova esperança, desse novo querer. Vou, fora de hora, mas vou morrendo de medo.

TEUS OLHOS

A luz dos teus olhos me ilumina, até me enxergar, encontro-me visitado por ti, por um convencimento feliz que aborda a minha desistência, convidando a outros perigos que colorem essas coisas que acompanham o amar.



REVIVER

E quando efusivamente lanço o olhar que transporta a admiração, explode um descompasso entre o corpo e a alma que se desentendem quanto ao que eu desejo e o que eu posso. Pretendo descobrir onde se esconde tudo para outra vez tudo recolher. Reviver todos os tempos acumulados nas melhores lembranças.



EFUSIVOS E EXPLOSIVOS

Efusivos = cordial, afetuoso, veemente, expansivo, expressivo.

Explosivos = que explode, que se pronuncia com oclusão ou explosão de grande quantidade de energia, manifestação súbita e violenta de certos afetos.

DESPEJADO

Despojado de consolos, cansei de tantos dias tristes, extravagantes lembranças recorrem aos bons tempos vendo nas fotos uma quietude admirada com o que veem. Depositado o infortúnio, vivi de encantos, enfeitado, reproduzi copias da minha ilusão remendando as feridas que os vazios insistiram para nunca mais esquecer.



COMO SE FOSSE

Fundei uma coragem como se vento fosse, calei uma ofensa como se fosse depois do temporal, contei segredos como se fosse um contador de histórias, lapidei uma declaração de amor como se fosse ourives, recitei poesias como se fosse porta-voz anonimando o que me evocas. Profetizando como se o futuro fosse: sonhei com reciprocidades.

ESPANTOS

Onde escondes teus espantos? Ou, teus espantos escondem fragmentos das tuas indignações pequenas e sem sentido? Diluídos encenariam um eterno e inexplicável descontentamento? Manto da linha avançada que arrasta incógnitas dores? Vítima e sua inventiva racional projetando infelicidades sem rumo, imagem grotesca de quem se desfigura com máscaras de um desprezível personagem.



MALDITO

Maldito seja o esquecimento, tratando de te fazer ver meus vazios, enredei cobrança e recompensa, petulância e mérito envolvidos em um rechaço despojando qualquer sentido. O que era para ser uma preferência carregou repugnância.

A PROPÓSITO

A propósito, o primoroso momento foi um invento ou um delírio? Sem testemunhas o encanto posto em dúvida desatina, entre o desconcerto e a transgressão circulam insanos apetites. Todo desejo é demonstrativo de uma expatriação, de algum sonho exilado, de alguma desacostumada alegria.



TEUS PRAZERES

Rastreio a fortuna das tuas convicções, a simplicidade da tua petição, a dominante atração quando me olhas, a plenitude desinteressada que confessas quando me destinas teus prazeres.



A FALTA - ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

A falta não é a essência do desejo, é seu acidente ou seu sonho, a privação que o irrita ou o fantasma que ele inventa para si.

DESVENTURA

De maneira extraordinária Etienne de La Boetie em 1571 define a Desventura (infortúnio, contratempo, desgraça, infelicidade) como: acidente trágico, desgraça inaugural, cujos efeitos não deixam de ampliar-se até o ponto de que se desvanece a memória do anterior, até o ponto de que o amor pela servidão tenha substituído o desejo de liberdade.



A CHAMA

A chama está na célula, nunca a encontrei na cultura, a motivação está no gene, jamais a vi no protocolo, a paixão está no encantamento, nunca a vi na legislação, a inversão está no enlace, não sobrevive à obrigação.

BELA

A mais bela homenagem foi aquela em que postos os valores declarados se confirmaram todas as confianças. A inesgotável esperança inventa calmarias, distribui dividendos de amor, são oferecidos momentos inesquecíveis, se conhecem as graças dos dividendos, das inovações, de sonhos ávidos de atualizações, de resguardar o destino, de construir o futuro nivelando um rumo tolerável na alteridade.



QUE MAIS FAZER

Que mais poderíamos fazer desse simples mulher e homem que a vida nos pôs numa história particular e em um giro do destino ficou no meio de outra história, para dizer que o príncipe e a rainha desse conto estão docemente adormecidos.

COMO AGRADECER

Como agradecer tal nível de atenções, de elogios, de todas aquelas doçuras que verteram sobre nossa alma ao longo do tempo?

Se de mel se trata, não há nenhuma que se lhes pareça, são todas e a excelsa.

São como águas das fontes que se vertem em nossas vidas que pareciam desérticas, alimentando-as e convertendo-as em paraísos com flores, mariposas, abelhas e mel. Ainda que nos digamos durante a brincadeira, tomamos a sério. Já não sabemos, porém somos céu, não sabemos como fazer e como dizer o que representamos, o que significamos, de tão felizes que somos. Mensurados para amar. Como pode caber tanto sentimento belo nesses nossos corações sem um ápice de expressão? Não sabemos, o que sabemos é que por amor assim vivemos todo este tempo e esperamos o momento em que entre os abraços nos cubramos, cobicemos e protejamo-nos para só dizer-nos que nós queremos.

AOS ANCESTRAIS

Fieis aos ancestrais que perpetuaram o encontro humano, nos declaramos a amizade, a admiração e quando sentimos tanta falta recuperamos em lembranças e palavras que declaram que o amor fala por nós, que estamos de festa com a vida, anexados como anjos gêmeos animadíssimos com suas performances de guardiões do bem, desde que o bem seja o amado. Enquanto trocamos as promessas de amor mantemos ocupados os corações esfomeados que dizem: quero mais, quero mais. Se antes não suspeitávamos que houvesse existido semelhante sentir, vivendo entre surpresas e sustos frente o próprio sentimento que rompe razões e bons comportamentos, fizemos brotar uma ternura fora de lugar ou uma lágrima na hora de ser sérios e adequados.



A DOR

A dor sabe mais sobre a amargura e a doçura que os poetas, pelo menos os poetas incautos que nos mentem sobre a durabilidade do amor investido no outro.

SÚDITOS OU ESCRAVOS

Súditos ou escravos, no processo de regressão permanente apenas conseguimos tocar a terra. O momento mais difícil é o despertar. Lembramos os sorrisos com aquele olhar que nos conhecemos cúmplices, olhando o céu e dando graças a todos os deuses –incluindo-se- por semelhante presente que nos havíamos dado.



ABSOLUTOS E ABUNDANTES

Absolutos e abundantes nos apalpamos e acabamos muitas vezes desfeito em pedaços, aquecendo a frieza do momento seguinte quando sem o outro. Acalorados pelas carícias exageradas, fizemos uma economia dos excessos para quando nos falte a presença, acumulamos experiências para dar conteúdo às saudades, aceleramos as aceitações e nos aclamamos especiais pelo que fomos capazes de fazer sentir. Nos acomodamos e

acompanhamos em silêncios intercalados com palavras ditas ao pé do ouvido. Amavelmente nos ambicionamos e doamos confirmações e promessas, exageramos os empenhos para seduzir o da frente, humildes exageramos nas declarações que compensavam as omissões, por se acaso nos afastássemos audazes e confiantes no auge de nossas confianças. Autênticos como autodidatas nos ensinamos as recém descobertas sensações.



AUTO-INDULGÊNCIA

Como em um ato de autoindulgência nos perdoamos pela falta de ar e as pernas cansadas e rimos da brincadeira intensa que o corpo não alcança acompanhar. Ainda que impondo-nos uma disciplina, o intenso desejo não nos deixou quietos, adiamos a paz para o depois e aproveitamos até a loucura os entre tantos.

NA HORA DO VAZIO

Na hora do vazio, na hora deserta, na hora do medo, da dor doer, necessitamos depositar nossas solitárias necessidades de abrigo, de afetos declarados, de versos. Ser o lugar para despejar os atrasos, os prazos, acertar as contas, as ilusões descartadas, uma tolerância que acolha os decepcionantes silêncios, mapear os destroços, restaurar as cumplicidades.



PORTA DOS FUNDOS

Entro pela porta dos fundos com baixa probabilidade de encontrar uma esperança dentro do prazo, o desuso atrofia as tentações, restam desejos encolhidos pelas agonias, resta saber onde se refugiaram as nossas alegrias.

TEUS OLHOS

Teus olhos mostram mais do que ocultam. Não opõem resistência, parecem inofensivos, levemente melancólicos; entretanto, decididos, quase obstinados, carregam fontes, movimentos, são espelhos mal focados.



MUTILADOS SEGREDOS

Deixa-me por escrito tudo o que sonhas em silêncio no habitual cativo. Sendo tua sinistra solidão um refúgio, faz de conta que esqueceste as maravilhas que viver carrega consigo. Quem inspira este espetáculo tão cheio de mutilados segredos?

ENCONTROS DESMARCADOS

Encontros desmarcados, rotas ignoradas, o melhor escondido, olhares distribuídos, indiferenças manifestadas, frustradas buscas escondem o principal. Esta é a última chance renovada mil vezes, divulgando a mentira de que eras minha, momento decisivo, finalmente o final.



TANTOS ARTIFÍCIOS

Tantos artifícios pertencem a um fracassado plano de calmarias mal sucedidas. Intensos sentimentos desviam argumentos, adiam a desordem alimentam interferências. A presença para o ar converter-se em dores mal curadas, em feridas ainda abertas que memorizam o indevido. Venho ao encontro daquela que deixei esquecida no passado, encontro a mesma generosa fotografia que guardou o melhor de ti.

COMO UM LIVRO

Abro-te como um livro, página por página, leio tuas entrelinhas, sorvo tuas margens, apoio-te em minhas mãos, reflito, imagino, sigo. Meus olhos perseguem teu roteiro até desvendar-te. Durante, as sensações se infiltram, promovendo vertigens que me arrebatam como um pássaro querendo abandonar a jaula. Tratando de retardar o fim, espero e espero até a última tentação antes de chegar às últimas páginas.



INGRATIDÃO – ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

A ingratidão não é incapacidade de receber, mas incapacidade de retribuir -sob a forma de alegria, sob a forma de amor – um pouco da alegria recebida ou sentida. É por isso que a ingratidão é tão frequente. Nós absorvemos a alegria como outros absorvem a luz: buraco negro do egoísmo.

A gratidão é dom, a gratidão é partilha, a gratidão é amor: é uma alegria que acompanha a ideia de sua causa, como diria Spinoza, quando essa causa é a generosidade do outro, ou sua coragem, ou seu amor.



Roberto Curi Hallal

